

NO PAÍS DE MOSSORÓ: A MEMÓRIA DE MOSSORÓ, CIDADE DA RESISTÊNCIA COMO ESTRATÉGIA DE MANUTENÇÃO DO PODER DA FAMÍLIA ROSADO (1970-2007)

Marcílio Lima Falcão*

O Jornal O Mossoroense e a Cidade da Resistência

Este artigo trata da memória. Uma memória que foi construída e ressignificada ao longo de oito décadas: a memória de Mossoró,¹ dita “Cidade da Resistência e tem por finalidades compreender a construção da memória sobre a resistência de Mossoró ao bando de Lampião e sua utilização como estratégia da Família Rosado² para a manutenção de seu mandonismo em Mossoró a partir da década de 1970 até 2007 (Comemoração dos 80 anos da Resistência Mossoroense ao Bando de Lampião).

Assim, as narrativas que produziram essa memória se reportam, sobretudo, ao 13 de junho de 1927, quando um grupo de cangaceiros, liderados por Lampião, invadiu a cidade de Mossoró. As vítimas do combate se restringiram a um morto e a um ferido (respectivamente os cangaceiros Colchete e Jararaca) e, em torno desse acontecimento, jornalistas, memorialistas e cordelistas produziram vários olhares sobre esse acontecimento³, e logo ganhou as páginas dos jornais impressos na cidade⁴, por meio de telegramas de vários cantos do País, que congratulavam os mossoroenses, na pessoa do prefeito Rodolpho Fernandes, por sua eximia coragem de enfrentar os cangaceiros de Lampião. Da Capital da República, Alberto Maranhão⁵ dava “parabéns pela defesa e desejava votos pela tranquilidade de seu nobre povo.”⁶ De Pombal, na Paraíba, a vitória sobre os cangaceiros era comentada por Antônio Queiroga⁷ como “um fato inusitado para o combate ao cangaceirismo no Nordeste.”⁸ De Campina Grande, sete mossoroenses,⁹ que lá residiam, felicitavam a cidade “pelo denodo com que houveram diante da reação ao sinistro grupo de Lampião.”¹⁰ De Natal, o Bispo Diocesano Dom José Pereira Alves enviava suas “bênçãos e applausos nobres pela generosa atitude dos queridos padres na hora heroica na defesa cathólica da Cidade.”¹¹

Dos mais diversos lugares, autoridades civis e eclesiásticas demonstravam satisfações em cartas e telegramas a respeito da coragem dos que ficaram para defender Mossoró diante dos comandados de Lampião. Notícias, poesias, livros e cordéis¹² teciam fios de memória para a fabricação da Cidade da Resistência. Sua população foi descrita como uma:

* Professor do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio grande do Norte (UERN).



Stóica falange de bravos que nobre e heroicamente defendeu a cidade na memorável tarde de 13 de junho, repelindo, com desassombro, o sinistro bando lampeônico, cuja nefasta acção, nos diversos rincões nordestinos, tem assumido as desastrosas proporções de um terrível cataclysmo.

(O Mossoroense. 27 de julho de 1927)

A cidade era glorificada pela delicada escrivência de jornalistas e poetas, como Francisco Cavalcanti Rocha.

Intemerada gleba, unida e forte
Na batalha quebrasse a vil magia
De Lampeão, cujo estandarte e guia
É a pilhagem, o sangue, o luto, a morte.

Heróica Mossoró – honra do Norte
Venceste, com denodo e galhardia
O fero bando de rapina
Que só te desejava infausta sorte.

Ensarilhaste armas de combate,
Tocas para o abismo heroico de rebate
Marchaste para a lucta e para a glória!

Na punga conquistaste áureos thesoiros
Doiram-te a frente immarcessíveis loiros,
Heraldicos emblemas da vitória!

(O Mossoroense, 27.08.1927)

A exaltação heróica da cidade tem como referencial a quebra do mito da invencibilidade de Lampeão. Vitória é a última palavra utilizada no poema e expressa o realce que o autor quis imprimir ao feito mossoroense.

Os comentários sobre a vitória mossoroense não paravam de serem impressos em jornais. Em 07 de agosto de 1927, o jornal O Mossoroense publica uma carta vinda da cidade de Sucuru, Estado da Paraíba. Escrita por Almeida Barreto,¹³ conta a aflição de um homem que só teve conhecimento pormenorizado dos acontecimentos envolvendo a cidade e os cangaceiros em 08 de julho e comenta que “por onde tem passado escuta com prazer e orgulho os elogios francos e espontâneos a bôa terra de que sou filho. Por ora, é o que me vai matando a saudade da gleba natal.” (O Mossoroense – 07/08/1927)

O orgulho de pertencer à cidade e a distância que os separam são compensados pelo prazer em ouvir os comentários que se constroem em torno do fato memorável – a resistência a Lampeão. Na mesma carta, Almeida Barreto cita a coragem e a determinação do prefeito Rodolpho Fernandes e, além disso, comenta a importância deste, como político e defensor de Mossoró.



A você, meu distinto amigo, envio congratulações, como representante deste povo manso e forte, que teve o bom senso de elegê-lo Prefeito e bem avisado será se o conservar por muitos anos neste posto de sacrifício, sim, mas, de defesa e melhoramentos nunca dantes registrados nesta cidade. Conheço bem o seu caráter rijo e tolerante, servido por uma inteligência positivamente prática para conhecer os homens e o de que hão necessidade. Continue a realizar o seu programma, como estava fazendo na phase pacífica, desde que passou a furia canibalesca dos bandidos.
(O Mossoroense – 07/08/1927)

O autor faz comentários sobre o papel de Rodolpho Fernandes na resistência e aponta a importância de sua permanência como líder político em Mossoró. São os primeiros indícios de utilização da resistência de Mossoró ao bando de Lampião em benefício político de alguém. Assim, as primeiras impressões sobre o Ataque de Lampião/Resistência Mossoroense apontavam que o 13 de junho era uma data especial.

Durante o Estado Novo, Mossoró foi administrada por Luiz Ferreira da Cunha Motta. Eleito prefeito constitucionalmente em 1937 e posteriormente “nomeado pelas forças do golpe de Estado que instituiu o Estado Novo” (BRITO, 1985, p. 96). Padre Motta, como era conhecido, foi pároco, cura diocesano, administrador da diocese e Prefeito de Mossoró até abril de 1945 (CASCUDO, 2010, p. 190). Teve participação ativa na organização das trincheiras para a defesa de Mossoró contra os cangaceiros de Lampião. Seu governo foi marcado por melhoramentos urbanos como a criação de “jardins para as praças Vigário Antônio Joaquim, da Intendência, Rafael Fernandes e Ulrick Graf”, bem como pelo asseio das ruas e arborização da cidade. (CAVALCANTI, 1987, p. 37). Apesar das benfeitorias urbanas, as preocupações com o passado da cidade não estavam ou não tinham prioridade na pauta do governo. Somente no final dos anos quarenta, que a “utilização do conceito de cultura se tornou um elemento chave na administração pública de Mossoró” (COSTA, 2012, P. 29). Nesse período foram criados o Museu Histórico, a Biblioteca Municipal (1948) e lançada a Coleção Mossoroense por Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia (1949).¹⁴ A Coleção Mossoroense reunia trabalhos sobre o passado da cidade. Câmara Cascudo participou ativamente nessa Coleção. Escreveu *Notas e Documentos para a História de Mossoró* (1955)¹⁵ e *Flor dos Romances Trágicos* (1966)¹⁶ e chegou a receber o título de “historiador da cidade.”¹⁷

Nota-se que, do final dos anos de 1940 até a década de 1960, a participação dos Rosados nas empreitadas pelo passado de Mossoró esteve ligada à construção de lugares de memória (museu), espaços de leitura (biblioteca) e instituições de ensino, como a Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM) e Universidade Regional do Rio Grande do Norte (URRN). Essas instituições fortaleceram os laços de dependências na medida em que geraram empregos e reforçavam o mandonismo dos Rosados, uma vez em que:



já nasciam dependentes do poder político local, e o trabalho das mesmas em prol da comunidade citadina e regional era visto como uma obra, ora do deputado federal Vingt Rosado, que se especializara em Brasília na solicitação e liberação de recursos e verbas federais, principalmente para a Universidade regional, ora de Dix-Huit que, como criador da ESAM – Escola Superior de agricultura de Mossoró, estabelece juntamente com Vingt-Un o domínio dessa instituição acadêmica. (FELIPE, 2000, p. 120)

No entanto, a partir da década de 1970 novas estratégias políticas começaram a aparecer. Percebe-se que os Rosados aderem ao Regime Militar e, no que diz respeito às relações com o passado da cidade, buscam novas formas de utilizá-lo.

Os Rosados e a memória de Mossoró, Cidade da Resistência

Para Michel de Certeau a memória pode ser problematizada a partir de “um lugar que não lhe é próprio. De uma circunstância estranha recebe a sua forma e implantação, mesmo que o conteúdo (o pormenor que falta) venha dela. Sua mobilização é indissociável de uma alteração” (CERTEAU, 2007, p. 162). É nesse sentido que a memória pode ser considerada como “fonte de reapropriação coletiva e não simples museografia isolada do presente. Supondo a presença da ausência, ela permanece o ponto de contato essencial entre passado e presente, desse difícil diálogo entre o mundo dos mortos e o dos vivos” (DOSSE, 2004, p. 184). É por meio dos trabalhos da memória que é possível compreender como a Família Rosado se apropriou das narrativas sobre o passado da cidade e produziu comemorações e lugares de memória sobre o 13 de junho.

Assim, ao controlar os caminhos políticos da cidade desde a década de 1940, os Rosados passam a empreender o uso permanente do passado como forma de amalgamar as comemorações do 13 de junho aos seus interesses políticos. Para tal, as produções da Coleção Mossoroense, a construção de praças, memorial¹⁸ e monumentos cívicos, bem como a realização de grandes comemorações contribuem na fabricação e espetacularização de uma memória coletiva¹⁹ sobre a Resistência. Daí a importância do jornal O Mossoroense, em circulação na década de 1970, em apresentar os indícios da apropriação das narrativas sobre o 13 de junho dentro do processo de consolidação do poder dos Rosados em Mossoró.

Mas essa espetacularização foi um processo lento que desde a década de 1970 tem se transformado, construído e ressignificado as narrativas que desde os anos de 1920 fazem parte das matérias jornalísticas da cidade. A principal data comemorativa em Mossoró era o dia 30 de setembro, momento em que a população festejava a abolição da escravidão na cidade (1883). A libertação dos escravos produziu a Cidade da Liberdade. Os festejos iam de congratulações impressas em jornais aos desfiles dos militares e de escolas públicas e



privadas pelas principais ruas da cidade. A Loja Maçônica 24 de Junho realizava a Sessão Solene Magna Branca para relembrar os esforços dos abolicionistas e reforçar seu papel como instituição responsável pela abolição. Em torno desse fato se construiu uma memória sobre o pioneirismo de Mossoró como a primeira cidade a abolir a escravidão no Brasil e, por muitas décadas, essa imagem de cidade pioneira na abolição da escravidão foi festejada. Praças e monumentos foram construídos e muitos bairros da cidade foram nomeados de “Abolição”. Se reportando ao 30 de setembro de 1883, Câmara Cascudo afirma que:

A data realmente coletiva, histórica, tradicional, medularmente ligada a todo mossoroense, é o 30 de setembro. Mossoró é o único ponto em todo o Brasil onde uma vitória abolicionista se tornou festa oficial e coletiva e é comemorada por todas as classes nas ruas, nas praças, nas residências, nos corações. (CASCUDO, 2010, p. 201)

As comemorações do 30 de setembro são vistas por Cascudo como um momento na história de Mossoró para a construção da Cidade da Liberdade, “singularizando-a devido a manutenção da memória coletiva e de uma sensibilidade festiva” (COSTA, 2012, p. 245). No entanto, esse brilhantismo e entusiasmo pelo 30 de setembro foi esfriando ao longo dos anos de 1970, quando a Prefeitura Municipal de Mossoró começou a incentivar o turismo na cidade a partir do incremento às comemorações²⁰ relacionadas ao 13 de junho. Essas transformações no calendário cívico da cidade e seus reflexos para a elaboração de uma nova memória (Mossoró, Cidade da Resistência) foi algo construído dentro das grandes festividades que os Rosados empreenderam a partir dos anos de 1970. Nessa trilha, o fortalecimento das comemorações do 13 de junho reforça a ideia de que:

A memória só poderá desempenhar sua função social através de liturgias próprias centradas em reavivamentos que só os traços-vestígios do que não existe são capazes de provocar. Portanto, o seu conteúdo é inseparável, não só das expectativas em relação ao futuro, como dos seus campos de objetivação – linguagens, imagens, relíquias, lugares, escrita, monumentos – e dos ritos que produzem e transmitem; o que nos mostra que ela nunca se desenvolverá, no interior dos sujeitos, sem suportes materiais, sociais e simbólicos de memórias. (CATROGA, 2001, p. 23)

Foi comemorando e produzindo referenciais simbólicos para a memória que a Prefeitura Municipal de Mossoró juntamente e seus parceiros em meio à conturbada vida política pela qual o Brasil passava nos anos de 1970, começaram a fazer as mudanças nas comemorações cívicas da cidade no intuito de “mudar” para “permanecer” exatamente como está.

Diante disso, desde a primeira fase de mando dos Rosados (que vai da eleição de Dix-Sept em 1948 até a derrota de Vingt-Un Rosado, em 1968), a relação que mantinham

com a memória da cidade estava ligada à valorização da memória de Mossoró – Cidade da Liberdade, sendo as comemorações da Abolição da Escravidão (30 de setembro de 1883) a principal expressão cívica. Dos anos de 1970 em diante, evidencia-se a valorização das comemorações da Resistência Mossoroense ao Bando de Lampião (13 de junho de 1927) e a inserção deste acontecimento aos projetos de desenvolvimento do turismo no Rio Grande do Norte.

A Prefeitura Municipal de Mossoró, juntamente com o Governo do Estado do Rio Grande do Norte (através das Secretarias de Trabalho e Bem-Estar Social e da Empresa de Turismo do Rio Grande do Norte – EMPROTUR), Igreja Católica, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Regional do Rio Grande do Norte (URRN),²¹ União dos Artistas Mossoroense, Colégio Diocesano Santa Luzia, Escola 13 de Junho e Banco do Estado do Rio Grande do Norte (BANDERN) organizou uma semana de eventos (07 a 13 de junho), que contou com Missa em Ação de Graças, celebrada por Padre Sátiro Cavalcanti Dantas²²; Alvoradas foram realizadas pelas Bandas de Música Municipal e da Polícia Militar; Visita com aposição de flores e toque de silêncio ao túmulo de Rodolpho Fernandes²³; Palestra “*Conversa ao pé de fogo*”, ministrada pelo professor Raimundo Nonato da Silva²⁴; Lançamento do livro *Cangaço, Recordação do Ataque Frustrado*, de Gilbamar de Oliveira Bezerra; Concurso de músicas alusivas ao Ataque de Lampião a Mossoró pelos alunos do Colégio Diocesano Santa Luzia; Concurso Literário para os alunos de todos os níveis de ensino de Mossoró; Feira de Artesanato promovida pela Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social do Estado do Rio Grande do Norte; Apresentação do Grupo Folclórico Boi Calemba, da Paraíba; “Apresentação de duplas de cantadores da Associação de Cantadores e Violeiros de Mossoró; Exposição do desenhista natalense Eliphos Leví Bulhões e apresentação do Espetáculo da Resistência” (NONATO, 2005, p. 23).

Essa semana foi a primeira comemoração do 13 de Junho dentro dessa nova configuração política dos Rosados, que, abraçando o governo dos militares²⁵, não largariam mais o poder local e transformariam a Resistência de Mossoró ao Ataque de Lampião em espetáculo grandioso: O Chuva de Balas no País de Mossoró.

Desde as comemorações dos anos de 1970, a cidade de Mossoró caminhou no sentido de empreender lugares para albergar as narrativas sobre seu passado, principalmente as que se referiam ao 13 de junho. A Revista do Instituto Cultural do Oeste Potiguar de setembro de 1989 publicou uma carta redigida por José Augusto Rodrigues que fora dirigida a Vingt-Un Rosado em 1989. Nesta carta, José Augusto reforça a ideia de que Mossoró deveria construir “monumentos que celebrassem a importância da libertação dos escravos (1883), da

primeira eleitora do Brasil (1927) e da resistência ao Bando de Lampião (1927) como forma de ter nos logradouros públicos espaços comemorativos sobre esses acontecimentos.”²⁶

Passados quase duas décadas, o poder público municipal de Mossoró se empenhou na construção de um espaço que contemplasse os acontecimentos de 13 de junho de 1927. Surgia uma proposta de construção de um memorial que, além de ser um monumento comemorativo, promovesse a circulação da memória sobre a resistência mossoroense aos cangaceiros liderados por Lampião. Para isso, a construção do memorial foi articulada dentro do um projeto de urbanização que a Prefeitura de Mossoró estava empreendendo no centro da cidade.

O projeto contemplava os interesses do mercado de eventos e do turismo. Pretendia construir, ao longo da Avenida Rio Branco, uma série de estabelecimentos e aparelhos que direcionassem suas atividades ao lazer. Isso se dava por meio da organização de espaços que estivessem articulados com os acontecimentos que tinham ocorridos na cidade e que agregassem monumentos comemorativos. Essas propostas surgiam em detrimento das instituições²⁷ que, ao longo de décadas, tinham se constituído como espaços que guardavam e comemoravam acontecimentos, como a resistência da cidade ao bando de Lampião em 1927.

Dessa forma, a organização e a estruturação do projeto do memorial da resistência deveriam ser adaptadas ao perfil em que as autoridades políticas locais pensavam a respeito do tratamento que deveria ser dado aos documentos relacionados à resistência aos cangaceiros, bem como as formas narrativas pelas quais apresentariam ao público os acontecimentos de junho de 1927.

Foi com esse intuito que a Prefeitura de Mossoró resolveu construir o Memorial da Resistência.²⁸ O objetivo era retratar a resistência ao bando de Lampião como um feito heroico. De sua organização do projeto até a execução e inauguração (dia 04 de junho de 2008), evidenciam-se outros interesses que vão além da organização de um espaço que estivesse voltado para a memória ou para a história sobre esse acontecimento.

O que se constata, em relação ao projeto do memorial, é o interesse de finalizar o Corredor Cultural de Mossoró. Esse espaço é composto de diversos equipamentos ao longo da Avenida Rio Branco. A avenida foi, durante os governos Rosalba (1997-2004) e Fafá Rosado (2005-2008), um espaço privilegiado para a urbanização da cidade. Aí, foi utilizado o lugar da antiga Estação Ferroviária para a construção de um espaço que incorporou a Feira do Vuco-Vuco e agregou as chamadas praças de Convivência, Eventos, Esporte e Lazer; o Teatro Dix-Huit Rosado, a Estação das Artes Elizeu Ventania e o Memorial da Resistência. O que na proposta da Prefeitura Municipal de Mossoró era a construção do Corredor Cultural se

transformou em um espaço com uma logística bem definida para o incremento de atividades econômicas. Quando se observam as transformações ocorridas, na Avenida Rio Branco, tem-se a noção do impacto que a política desses governos provocou nos espaços da antiga estrada de ferro. Essa política de urbanização não poupou as ruínas, que insistiam em mostrar os resquícios de um passado da cidade, mas evidenciava a força das políticas empreendidas pelos Rosados em sua trajetória de utilizar a memória Mossoró, Cidade da Resistência para transformar urbano e reafirmar seu mando em Mossoró.

Referências Bibliográficas

- BRITO, Raimundo Soares de. **Legislativo e Executivo de Mossoró: numa viagem mais que centenária**. – Mossoró: ESAM, 1985.p.96. (Coleção Mossoroense)
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Notas e Documentos para a História de Mossoró**. Mossoró: Editora do Autor. 1955. Série A. v. 2. – Coleção Mossoroense.
- _____. **Flor dos Romances Trágicos**. Natal: Editora do autor. 1966.
- CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. – Coimbra: Quarteto Editora, 2001.p. 23.
- CAVALCANTI, Francisco de Sales. **Monsenhor Luiz Motta: traços biográficos**. Mossoró: ESAM, 1967. Série C. v. 422 – Coleção Mossoroense.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**. 13. Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 162.
- COSTA, Bruno Balbino Aires da. **Mossoró não cabe num livro: Luís da Câmara Cascudo – o historiador da cidade**. – João Pessoa: Ideia, 2012. p. 29.
- DOSSE, François. **História e Ciências Sociais**; tradução Fernanda Abreu. – Bauru, SP: Edusc, 2004. p. 184.
- FELIPE, José Lacerda Alves. **Memória e imaginário político na (re)invenção do lugar – os Rosados e o “País de Mossoró”**. 184f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro– Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Rio de Janeiro, 2000. p. 147.
- FERNANDES, Raul. **A Marcha de Lampião: Assalto a Mossoró**. 6ª ed. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado. v. 1488. Série C, 2005. p. 143. – Coleção Mossoroense.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**; tradução de Beatriz Sidou. – São Paulo: Centauro, 2006.p. 72
- NONATO, Raimundo. **Lampião em Mossoró**. 6ª ed. Mossoró. Fundação Vingt-Un Rosado. v. 1489. Série C, 2005. Coleção Mossoroense.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**; tradução Alain François [et al.]. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.p. 134.

Notas

¹ Localizada no Oeste do Estado do Rio Grande do Norte, equidistante de duas capitais (Natal/Fortaleza), Mossoró possui uma história marcada pelo crescimento econômico entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Nesse período, a cidade vivenciou alguns movimentos importantes que foram capitaneados como os mais relevantes de seu passado: a Abolição da Escravidão (30 de setembro de 1883); o Motim das Mulheres (30 de agosto de 1875 - momento em que as mulheres mossoroenses saíram às ruas em protesto contra o recrutamento à Guerra do Paraguai); a Primeira Eleitora inscrita no Brasil (A professora Celina Guimarães Viana conseguiu o direito de votar em 1928) e a Invasão do Bando de Lampião (13 de junho de 1927). Esses acontecimentos são comemorados em dois espetáculos: o “Auto da Liberdade,” que agrega os três primeiros acontecimentos, ocorre durante a última semana de setembro e o espetáculo “Chuva de Balas no País de Mossoró” que agrega a invasão dos cangaceiros aos festejos juninos.

² Jerônimo Rosado chegou a Mossoró em 1890. Paraibano, de Catolé do Rocha, veio para Mossoró a convite de Francisco pinheiro de Almeida Castro, médico e chefe político local. O objetivo era organizar uma farmácia na cidade.

³ As publicações sobre a invasão dos cangaceiros a Mossoró começam a escritas a partir de 1930. Muitos foram reeditados na Coleção Mossoroense (Criada por Jerônimo Vingt-Un em 1949). Entre os livros que versam sobre a invasão dos cangaceiros a Mossoró, citamos: FERNADES, Raul. **A Marcha de Lampião: assalto a Mossoró**. 6ª ed. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado. v. 1488. Série C, 2005. – Coleção Mossoroense; BRITO, Raimundo Soares de. **Nas Garras de Lampião**: Mossoró. Fundação Vingt-Un Rosado, 1996. Série C. v. 910 – Coleção Mossoroense; CASCUDO, Câmara. **Jararaca**. 2ª. ed. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado.. v. 2227. Série B. 2002. – Coleção Mossoroense; CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião, o rei dos cangaceiros**; Trad. Sarita Linhares Barsted. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980; MOTA, Leonardo. **No tempo de Lampeão**. 2. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará. 1967; NONATO, Raimundo. **Lampião em Mossoró**. . 6ª ed. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado. v. 1489. Série C, 2005. – Coleção Mossoroense; OLIVEIRA, Aglae Lima de. **Lampião, Cangaço e Nordeste**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1970; ALMEIDA, Fenelon. **Jararaca: o cangaceiro que virou santo**. Recife: Guararapes, 1981; ESCÓSSIA, Lauro da. **Memórias de um jornalista de província**. – Mossoró: Fundação José Augusto, 1981.Série B. v. 156 – Coleção Mossoroense; BEZERRA, Gilbamar de Oliveira. **Cangaço: recordação do ataque frustrado**. v. 7. Mossoró: ESAM, 1977. Coleção Cadernos da Caatinga; MACIEL, Frederico Bezerra. **Lampião, seu tempo e seu reinado**. v. III. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985; DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Lampião e o Rio Grande do Norte: a história da grande jornada**. – Natal: Cartgraf, 2005; CARVALHO, Rodrigues. **Lampião e a sociologia do cangaço**. Rio de Janeiro, 1970; QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. **Os Cangaceiros**. - São Paulo: Duas Cidades, 1977; ASSUNÇÃO, Moacir. **Os homens que mataram o facinora: a história dos grandes inimigos de Lampião**. – Rio de Janeiro: Record, 2007.

⁴ Em 1927, em Mossoró, circulavam semanalmente três jornais: O Mossoroense, O Nordeste e o Correio do Povo. O primeiro foi fundado em 17 de outubro de 1872. Apresentava-se como semanário, político, comercial, noticioso e antijesuítico. Representante do Partido Liberal correspondia aos interesses da maçonaria e sofria forte oposição do Partido Conservador, dirigido pelo Padre Antônio Joaquim Rodrigues. Quanto ao jornal O Nordeste, foi fundado em 1916. De propriedade de José Martins de Vasconcelos, apresentava-se como um Órgão de Propaganda de Interesses Gerais. Apesar de não ser da Igreja Católica, em suas páginas expressava os interesses da mesma. O terceiro jornal era O Correio do Povo que foi fundado por José Otávio Pereira Lima em 13 de maio de 1926. Em suas páginas aparecem matérias sobre a preparação da resistência e sobre a invasão, bem como telegramas e depoimentos dos cangaceiros presos nos anos de 1930. Esse jornal só circulou por oito anos.

⁵ Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão foi governador do Rio Grande do Norte (1900-1904 e 1908-1914) e deputado federal no período de 1927-1929.

⁶ Vale ressaltar que esses telegramas foram realizados entre os dias 14 e 17 de junho e publicados no jornal O Mossoroense em 26-06-1927.

⁷ João Vieira de Queiroga, filho do coronel João Queiroga, prefeito de Pombal/Paraíba.

⁸ O Mossoroense, 26.06.1927.

⁹ João Franco Filho, Orlando Rangel, Torres Galvão, João Aprígio Pereira, Joaquim Azevedo, João André e Arthur Cardoso.

¹⁰ O Mossoroense, 26.06.1927.

¹¹ O Mossoroense, 26.06.1927.

¹² As primeiras publicações apareceram em 1927 em forma de cordel. Nesse ano é publicado o cordel **A derrota de Lampeão em Mossoró**, de Pereira Lima. Em 1939, o cordelista Zé Saldanha escreve **Lampeão em Mossoró**. Na década de 1950, Veríssimo de Melo lança pelas Oficinas do Departamento de Imprensa **O ataque de Lampeão a Mossoró através do romanceiro popular** (1953). Em 1977, Luiz Campos lança a **Vitória de Mossoró no ano de vinte e sete**. Muitos dos livros publicados trazem capítulos que apresentam os versos da literatura de cordel, como é o caso de Raimundo Nonato que publica, pela Editora Pongetti, **Lampeão em Mossoró** (1955) e Câmara Cascudo lança **Flor dos Romances Trágicos** (1966), onde a narrativa ancora-se nos escritos de José Octávio Pereira Lima, João Martins de Ataíde e Leonardo Mota. Nesse trabalho, Cascudo mantém presente a memória de Mossoró, cidade da resistência. Outros folhetos de cordel sobre a temática são: MELO, Antônio Francisco Teixeira de. **O ataque de Mossoró ao bando de Lampeão**. Mossoró: Allgraf, 2002; ALVES, José Ribamar. **Detalhes sobre a Cidade que combateu Lampeão**. v. 1. Mossoró: Editora Queima-Bucha, 2005; SILVA, Cícero Laurentino da. **A resistência de Mossoró ao bando de Lampeão há 13 de junho de 1927**. Mossoró: Gráfica Medeiros, 2005; SILVA, José Antônio da. **Tem muito dinheiro gasto na cova de Jararaca**. Mossoró: Gráfica Papel & Cia, 2006; SILVA, José Antônio da. **Jararaca arrependido por que matou um menino**. Mossoró: Editora Queima-Bucha, 2006; ALVES, José Ribamar. **Detalhes sobre a Cidade que combateu Lampeão**. v. 2. Mossoró: Editora Queima-Bucha, 2006; FERREIRA, Maria Edi. **A Resistência de Mossoró ao Bando de Lampeão**. Mossoró: Editora Queima-Bucha, 2006; SILVA, Cícero Laurentino da. **Jararaca o assombro do Nordeste e o terror do Sertão**. Mossoró: Gráfica Medeiros, 2006; SILVA, José Antônio da. **Os bravos mossoroenses retiraram Lampeão**. Mossoró: Gráfica Papel & Cia, 2007; FRANÇA, Aldaci. **Mossoró na resistência ao grupo de Lampeão**. Mossoró: Editora Queima-Bucha, 2007; ALVES, José Ribamar. **A Resistência do povo de Mossoró ao cangaço**. Mossoró: Editora Queima-Bucha, 2007; OLIVEIRA, Antônio Kydelmir Dantas de. **As mulheres cangaceiras humanizaram o cangaço**. Mossoró: Editora Queima-Bucha, 2008; SILVA, Antônio Nilson. **Um ponto facultativo na história do cangaço**. Mossoró: Editora Queima-Bucha, 2008.

¹³ Almeida Barreto nasceu em Marajá, sítio do município de Canguaretama em 10 de janeiro de 1885. Foi padre em Mossoró e professor do Colégio Diocesano Santa Luzia em 1913. Em artigo publicado no jornal O Mossoroense, Geraldo Maia comenta que Almeida Barreto que por “motivos pessoais deixa Mossoró, trocando o Colégio Santa Luzia e o Ministério Sagrado pela simples situação de professor particular na cidade de Campina Grande, no Estado da Paraíba”. (O Mossoroense, 28.03.2001)

¹⁴ Jerônimo Vingt-Un Rosado Maia é o vigésimo primeiro filho de Jerônimo Rosado Maia. Nasceu em Mossoró em 25 de setembro de 1920 e faleceu em 21 de dezembro de 2005. O trabalho de Vingt-Un está relacionado a criação da Coleção Mossoroense que ao longo de seis décadas tem mais de quatro mil títulos relacionados a vários campos do saber. No que se refere à história de Mossoró, a Coleção tem publicado e reeditado muitos trabalhos sobre a Resistência da cidade diante dos cangaceiros.

¹⁵ Nesse livro Câmara Cascudo narra os desdobramentos do ataque de Lampeão a Mossoró e tece elogios ao prefeito Rodolpho Fernandes e aos comandantes do contingente militar: Tenentes Laurentino Moraes, Abdon Nunes de Carvalho e João Antunes.

¹⁶ Já nessa obra, Cascudo reúne alguns cordéis que tratam do assalto dos cangaceiros a Mossoró e da morte do cangaceiro Jararaca. Entre os cordéis selecionados estão os de João Martins de Ataíde (*Entrada de Lampeão em Mossoró*), Mariano Ranchinho (*O assalto de Lampeão a Mossoró, onde foi derrotado*), Pereira Lima (*A derrota de Lampeão em Mossoró*) e Veríssimo de Melo (*O ataque de Lampeão a Mossoró através do romanceiro popular*).

¹⁷ Lei nº 13/67 de 11 de agosto de 1967.

¹⁸ O Memorial da Resistência de Mossoró está localizado na Avenida Rio Branco e compõe o Corredor Cultural da Cidade. Possui uma estrutura física que agrega prédios posicionados linearmente, que dão aos mecanismos utilizados para apresentar a cidade e a resistência ao bando de lampeão uma sequência dos acontecimentos que levam o observador a pensar a invasão e a resistência como algo extraordinário que foi cristalizado em banners e nos usos dos documentos expostos em painéis.

¹⁹ Halbwachs defende que a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas – evolui segundo suas leis e, se às vezes determinadas lembranças individuais também a invadem, estas mudam de aparência a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal (HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**; tradução de Beatriz Sidou. – São Paulo: Centauro, 2006.p. 72). Já Paul Ricouer, ao questionar a polaridade entre memória individual e memória coletiva para se compreender seu uso no campo da história propõe que é preciso pensar nos atributos da lembrança (eu, os coletivos, os próximos) para não cair nas conclusões negativas nem da sociologia da memória coletiva, nem na fenomenologia da memória individual. (RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**; tradução Alain François [et al.]. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.p. 134.

²⁰ Pela Lei 76/55, de 14 de dezembro de 1955, a Prefeitura de Mossoró oficializou “o dia da Resistência Cívica desta cidade contra o ataque do grupo de Lampeão como feriado municipal”. O Mossoroense, 12.06.1960.

²¹ A Universidade Regional do Rio Grande do Norte (URRN) foi estadualizada em 1987. Na época, o prefeito Dix-Huit Rosado anunciou o Decreto 518/1987, transferindo a FURN, incluindo todo o seu patrimônio e cursos, ao Governo do Estado. **Informativo UERN**. Mossoró: RN- janeiro/fevereiro de 2007.p. 06.

²² Pe. Sátiro Cavalcanti Dantas era o responsável pela Capela de São Vicente (local do confronto entre cangaceiros e mossoroense), diretor do Colégio Diocesano de Santa Luzia e foi o fundador da Escola 13 de Junho em 1970.

²³ Rodolpho Fernandes de Oliveira Martins (1872-1927) era o prefeito de Mossoró em 1927 e grande organizador das trincheiras para a defesa da cidade. As trincheiras tomavam os nomes das firmas, dos prédios, dos locais e de seus chefes. FERNANDES, Raul. **A Marcha de Lampião: Assalto a Mossoró**. 6ª ed. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado. v. 1488. Série C. 2005. p. 143. – Coleção Mossoroense

²⁴ Raimundo Nonato da Silva (1907-1993) foi professor do Colégio Diocesano Santa Luzia, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHRN) e da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Escreveu *Lampião em Mossoró*, coletânea de documentos sobre o ataque de Lampião a Mossoró em 13 de junho de 1927.

²⁵ Nas eleições de 1968 Vingt-Un disputou as eleições para a Prefeitura de Mossoró pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA), mas foi Dix-Huit a principal expressão política da Família Rosado em Mossoró durante o regime Militar. Governou Mossoró de 1972-76 e de 1982-87. FELIPE, José Lacerda Alves. **Memória e imaginário político na (re)invenção do lugar – os Rosados e o “País de Mossoró”**. 184f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro– Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Rio de Janeiro, 2000. p. 145.

²⁶ Revista Oeste. – Revista do Instituto Cultural do Oeste Potiguar. Ano 1989 – Série C. nº. 08. p. 95.

²⁷ No caso, as principais instituições eram o Museu Municipal Lauro da Escóssia e a Capela de São Vicente. A primeira guarda os documentos jornalísticos e fotográficos sobre a invasão, enquanto a segunda foi o local onde ocorreu o principal confronto entre cangaceiros e mossoroenses.

²⁸ Sobre os comentários referentes à inauguração do Memorial da Resistência de Mossoró, o jornal *O Mossoroense*, através da reportagem *O Mossoró cidade junina começa oficialmente com a inauguração do Memorial da Resistência*, não mediu críticas à cerimônia inaugural e ao memorial. Segundo o jornal, “a inauguração do memorial da Resistência começou com atraso. Pouco tempo antes da chegada da prefeita Fafá Rosado, o local ainda era um verdadeiro canteiro de obras. Portanto, o que estava marcado para as 20h começou às 21h, com apresentação da Banda de Música Artur Paraguai, Grupo Monxorós e Orquestra Sanfônica do Município. Na cerimônia estavam autoridades da política e parentes do prefeito da época da invasão, Rodolfo Fernandes. (...) O Memorial é belo, mas foi mal inaugurado. Como se não bastasse, esqueceram de dar crédito às fotos de Manuelito e de outros fotógrafos que registraram toda a história do período. As fotografias estão lá em tamanho gigante nos painéis, mas o visitante não saberá quem as fez.” (**O Mossoroense, 05-06-2008**). Enquanto *O Mossoroense* teceu críticas à inauguração, o *Jornal DE FATO* destacou o sucesso do evento. Na reportagem *Memorial se transforma em espaço de preservação da história*, o *DE FATO* apresentou o memorial como “uma verdadeira viagem no tempo. Uma sensação diferente ao andar e se deparar com o cangaceiro Lampião e sua companheira, Maria Bonita, e do seu bando, em imagens expressas em grandes colunas verticais. Mas o feito maior do Memorial é o de tornar conhecido o rosto dos heróis mossoroenses. Gente humilde, que enfrentou o medo, para empunhar armas contra um dos movimentos mais temidos do Nordeste brasileiro, o cangaço.” (**DE FATO, 05-06-2008**). Nota-se que os jornais tiveram posicionamentos diferentes quanto à inauguração do Memorial, fato que pode ser explicado pelos posicionamentos políticos de *O Mossoroense* (o jornal pertence ao grupo político que faz oposição ao governo Fafá Rosado), enquanto o *DE FATO* mantém, em sua reportagem, uma maior preocupação com a relevância do monumento que está sendo inaugurado, fato que não retira sua aproximação com o governo municipal.